

A VISÃO DA ARTE NO BRASIL¹

Teresinha Prada²

RESUMO: Os desafios para a difusão da Arte num país de dimensão continental como o Brasil passam pela mesma rede de questões da problemática educacional, agravada pela indisponibilidade da Arte como assunto prioritário na formação do cidadão. Até os dias de hoje, governo, sociedade e artistas não deixaram claro qual a postura a ser tomada sobre o assunto. Há uma forte Indústria Cultural calcada no produto mercadológico que rivaliza com qualquer envolvimento artístico que se prontifique a executar um plano maior de verdadeiro desenvolvimento do conhecimento da Arte. Por outro lado, a política cultural é formada por servidores que ainda não aprenderam a diferenciar os temas básicos de seu próprio ambiente – Arte, Cultura, Lazer, Projeto Social e Projeto Educativo –, todos confundidos e disputando as mesmas verbas de uma mesma fonte. A análise de experiências anteriores na área já poderia apontar caminhos para iniciar uma discussão sobre a visão da Arte em nosso país.

PALAVRAS-CHAVE: Artes, política cultural.

ABSTRACT: The challenges regarding the diffusion of Art in a country with continental dimensions like Brazil passes through the same net of questions as those regarding education, aggravated by the unavailability of Art as a priority in the formation of citizens. Until now, neither government, society nor artists have clarified which position to take on this theme. There is a strong Cultural Industry based on marketing a product, which vies with any artistic involvement ready to execute a greater plan of true development of the knowledge of Art. On the other hand, cultural policy is made by officials who haven't learned to distinguish basic

1 Texto baseado na comunicação apresentada no Colóquio Inter-Artes do VII Seminário de Linguagens e 4º Gelco, em novembro de 2008.

2 Bacharel em Música – Unesp; Mestre em Produção Artística e Crítica Cultural pelo Programa de Integração da América Latina – USP; Doutora em História Social – USP. Professora de Prática Instrumental (Violão) do Departamento de Artes e do Mestrado em Cultura Contemporânea – ECCO, da UFMT.

themes from their own ambient yet – Art, Culture, Leisure, and Social and Educational Projects are grouped together and dispute the same financial resources from same source. The analysis of past experiences already might indicate how to begin a discussion about the vision of Art in our country.

KEY-WORDS: Art, cultural policy

Os desafios para a difusão da Arte num país como o Brasil passam pela mesma rede de questões da problemática educacional, das quais apontamos, por nossa extensa vivência na área, as mais evidentes:

- falta de percepção de uma identidade cultural;
- falta de opções em lazer e informação – todas são embasadas na mídia televisiva, repetitiva;
- ambiente escolar impróprio;
- ambiente familiar desinteressado no incentivo à Arte;
- supervalorização do Esporte (leia-se futebol);
- alta de profissionais verdadeiramente capacitados na área;
- falta de interesse real e político de mudar essa condição.

Já há uma linha científica de pesquisa chamada Políticas Públicas Culturais, com centenas de trabalhos acadêmicos, a qual estuda e tenta definir critérios e conceitos sobre o que se convencionou nomear como “direito cultural”, isto é, o direito de cada população, povo, comunidade ou etnia ter seu patrimônio cultural preservado, garantido por lei e subvencionado pelo Estado, dentro de inúmeras formas de incentivo e programas de apoio.

Dos muitos autores que já apontaram ideias mais enfáticas de cultura como patrimônio e identidade, confiamos em citar Bourdieu (1987) como um pensador sistematizado, a partir de sua visão da cultura e da arte como produção de bens simbólicos; García Canclini (1996; 1995), em toda sua pesquisa sobre as práticas culturais numa era de consumo global, este sim um dos recentes pontos de mutação

da concepção de Arte e Cultura no século XX; e, numa situação bem próxima a nós, os trabalhos de Ortiz (2000) e Teixeira Coelho (1997). O assunto não é realmente novo, os desdobramentos, sim.

De dentro de uma crescente Indústria Cultural, pós Segunda Guerra Mundial, com evidentes finalidades econômicas, constata-se hoje uma tendência em conceituar a importância maior ou menor de uma ação artística mediada por sua relevância dentro de uma diversidade cultural. Isto é, desde que se convencionou dimensionar o produto artístico como fruto de um meio social, com a intenção talvez de dessacralizar aquela imagem do gênio de vanguarda ou da estética inacessível à maioria, a Arte em sua parcela de autonomia foi perdendo espaço para uma Arte mais funcional³, quanto mais possível.

Tomemos o exemplo da Música. A formação em Música não está disponível ao cidadão comum, pois isso não é tido como um assunto prioritário em sua formação. Quando dissemos, no início do texto, que a Arte passa pelos mesmos problemas que a Educação, ainda há o agravante de sua posição estar subalterna na lista de diligências. Há tantos problemas básicos a serem resolvidos pelas autoridades brasileiras, que falar da necessidade da Arte verdadeira beira à insanidade do pleiteante. Faz-se Arte com remorso num país com os problemas que temos. Legislação há, porém, como tantas outras leis, não há condições de seu cumprimento.

Assim como aquele secretário de obras manda jogar areia no buraco da estrada, o caminho fácil é tornar a Arte um veículo amoldado ao entretenimento. Por isso a elite política a vê e a situa muito mais como um momento de lazer, de preferência “gratuito e subvencionado” ao cidadão (ainda que pago indiretamente por toda a população), porém de baixíssima qualidade, sem deixar marcas no que há de humano em cada um de nós, sem nos atingir de verdade, pois é isso o que a Arte faz no mais íntimo do ser humano. Trata-se o assunto *Arte* apenas como uma válvula de escape em projetos populistas, descartáveis e, logo, totalmente esquecíveis, assim que acabam.

3 Sobre os conceitos de Autonomia e Função da obra de arte, ver Pareyson (1997).

Na área da educação oficial, nossos problemas estruturais são tantos que há uma predisposição para elencar a Arte dentro do supérfluo, do elitista, de um *plus*. Se sobrar, se der, se houver “razão” para tal, pensa-se em fazer algo ligado à Arte; daí é provável que a articulação escola-comunidade promova bailes no pátio da escola, com um som pulsando em alto-falantes, impossibilitando qualquer fruição intelectual, reflexiva ou meditativa, em benefício de um impulso corporal, com a adrenalina a mil, apenas mais uma vez o escape de tanta energia represada. Ou, se não, sempre haverá o calendário de festas tradicionais às quais o ensino de Artes é ligado, pelo simples fato de não saberem o lugar certo dessas atividades. Essa é a visão da Arte de dentro de nossas secretarias de Educação.

É o caso de se pensar, ironicamente, que afinal conseguimos socializar uma coisa no Brasil: todos possuem uma visão deturpada da Arte, superficial e subestimada.

Fome de quê?

Enquanto isso, ou aproveitando-se disso, há uma forte Indústria Cultural calcada no produto mercadológico que rivaliza com qualquer envolvimento artístico que se pronuncie a executar um plano maior de profundo desenvolvimento do conhecimento da Arte. Na verdade, o que não se quer ouvir é que: consome-se tempo para se fazer Arte, muito tempo, e o resultado não se apresenta em quantidade exorbitante e facilmente digerível.

Durante essa demora imperdoável da Arte como conhecimento, como filosofia, como crescimento pessoal, o mercado apresenta-se logo ali, imediatista, de sucesso garantido, produzido e vendido como uma necessidade. O fato é que a porção de Arte que cada um deveria carregar dentro de si está sendo substituída pelo entretenimento proposto pela Indústria Cultural, principalmente pelo seu veículo mais fácil de ser acessado, a televisão – ainda. Por esse viés, a Arte, que não consegue se comunicar nessa formatação, não tem espaço.

Pareyson (1997) coloca muito bem as diferenças do viver a Arte como um *dégradé* de possibilidades que vai desde o acesso à obra até o fazer a Arte. Mas aqui no Brasil temos di-

ficuldades em todos os níveis de percepção desses matizes.

Até os dias de hoje, governo, sociedade e artistas não deixaram claro a postura a ser tomada sobre esse assunto. Nas campanhas políticas e nas grandes empresas que patrocinam as Leis de Fomento, vê-se que a intenção é a “valorização da cultura” ou o mote “valorização da cidadania”, porém os projetos aprovados dificilmente se referem à Arte pelo valor unicamente estético – isso seria absurdamente elitista.

A confusão que ninguém tem coragem de assumir é que nem tudo que é cultural é artístico; nem tudo o que está no enorme panorama da diversidade cultural é de valor artístico. É como na Teoria dos Conjuntos, onde nem sempre o elemento está contido ou pertence àquele conjunto. Mas isso não é pecado, é totalmente válido que a identidade cultural seja valorizada, porém ela vem rivalizando com ações de cunho artístico. A política cultural oficial é feita por servidores e dirigentes que ainda não diferenciam Arte de Cultura, Lazer de Projeto Social e/ou Projeto Educativo. No final do ano, o importante é mostrar números, quantas pessoas foram “atendidas” pelo projeto.

Então, o que temos é que: de uma guinada industrial pós-guerra com enormes possibilidades estruturais que poderiam ter, por um ímpeto, proporcionado uma socialização da Arte, passamos para uma produção de massa, facilmente rentável e supérflua, contaminando todas as áreas, inclusive a educacional.

Ficar na ponte

A linguagem foi criada para fixar a vida, mas ela não consegue fazer isso, ela apenas cava a aura da vida, sua aura de acontecimento puro imune a eventos e outras simulações, embora cave fundo e incessantemente, a linguagem jamais encontra um centro ou essência da vida para fixá-la em seu corpo de signos e sons. Por isso não acredito na linguagem como um lugar que será um dia visitado pela vida, ou seja, pela essência do acontecimento, mas apenas como uma ponte utilizada pelos que se afastaram muito dela por dentro para tentar atravessá-la

e vê-la ao mesmo tempo, enquanto outros se afastaram muito dela por fora, para tentar atravessá-la e controlá-la ao mesmo tempo. Ambos fracassam, seja lá o que fizermos sempre estaremos nos afastando da vida por dentro ou por fora e estamos todos em cima dessa ponte erguida aqui sobre o rio morto das coisas-mercadoria, de um lado os escravos fantasmagorizados por seu próprio reflexo nas águas do rio morto das coisas-mercadoria se encontram conosco, nós os enfeitados e domados pela mistificação da linguagem, os escravos presos na ponte, que para nós é um local de observação, nos movemos por dentro através da ponte, os fantasmagorizados passam por nós, e nós ficamos ali até que o silêncio e a morte unam as duas margens do rio, cancelando a ponte e finalmente fixando a vida em algo (ARIEL, 2008).

Outro ponto que se junta a esse enredo: achar e afirmar que Arte é uma linguagem. É o erro mais comum que se apresenta em quase toda discussão artística. Na verdade, a Arte *tem, suscita* uma linguagem e uma técnica que se estuda, ensaia-se, mas ainda assim não se deve tomar a parte pelo todo... Teoria dos Conjuntos, mais uma vez...

O filósofo austríaco Wittgenstein (1989) questionou a própria possibilidade de se entender uma noção de Arte e disse que só ela mesma se autodescreveria. Quer dizer, a Filosofia não a explicaria; a compreensão intelectual (da forma) é passível de ser entendida, de ser compartilhada, mas outra compreensão, aquela em que se é tocado pela Arte, esta é muito mais difícil de ser explicada. Usamos metáforas que, para alguns, serão extremamente individualistas e insuficientes ou meramente clichês, indutoras ou simplistas. O problema dessa alusão da Arte como linguagem é que ela proporciona decisões equivocadas de quando, como e onde aprender ou fazer Arte.

Vivemos uma época em que a grande maioria dos projetos artísticos está vinculada a projetos sociais “de tirar a criança da rua”. É como se fosse uma espécie de compensação que, para tal, a Arte deverá servir, não importando como se fará, quem aplicará, que profissional estará à frente disso e – pior de tudo –, que ideia errada e frustrante se criará e venderá. A análise de experiências anteriores na

área já poderia apontar caminhos para iniciar uma discussão sobre a visão da Arte em nosso país, e já começam a despontar textos acadêmicos sobre essa ótica, inclusive aqui mesmo no Seminário⁴ tivemos trabalhos já fazendo essa análise crítica.

Pode-se tentar passar a técnica, trabalhar a criatividade, mas ainda assim não se está fazendo verdadeiramente Arte em um semestre ou em uma oficina. É um faz-de-conta, uma massagem no ego, uma amostra grátis e imediatista de Arte, cuja pressa em mostrar resultados atropela todo o processo de fruição, assimilação, difusão e perenidade da Arte. Leva-se tempo.

A Arte é longa, a vida, breve.

(HIPÓCRATES *apud* SÊNECA, 2006)

Esse discurso feito em favor da Arte e do tempo que ela precisa para se autogerar, via de regra, é recusado pelos produtores da Política Nacional de Cultura, justamente por não aceitarem um plano de ação que não se viabiliza em quatro anos de mandato. Se a Arte tem servido como veículo de cidadania, ótimo, não é nenhuma novidade esse lado de transformação social, porém o esmaecimento de sua essência é uma fraude oficializada. Por que subestimar a população? Em que manual de procedimentos está escrito que criança pobre não pode aprender o que é um sustenido?

A pecha de elitismo ou círculo fechado nas Artes é proposital e nubla a visão, impede o traçado de uma trajetória para a questão. Também não é difícil perceber que, assim como nos problemas brasileiros na educação, Estado, escola e núcleo familiar não mantêm contato algum para decidir questões que os envolvem plenamente, pois as decisões têm sido unilaterais, e o discurso, vazio e paliativo.

A linha de pesquisa acadêmica que apontamos (Políticas Públicas Culturais), tem gerado excelentes trabalhos de análise de todas essas situações que permeiam a Cultura e as Artes em nosso país, porém são vozes no deserto, isto é, governo algum tem se interessado por essas informações; a universidade tem sido tratada como um agente figurativo,

4 Referência ao VII Seminário de Linguagens.

próprio para a pesquisa, mas sem ter seu trabalho crítico aplicado, pois isso demandaria virar a mesa e começar tudo do zero.

Referências

ARIEL, Marcelo. **A linguagem**. Disponível em: <http://ouopensamentocontinuo.blogspot.com/2008/05/linguagem.html>>. Acesso em: maio/ 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia de trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PAREYSON, L. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1997.

SÊNECA. **Sobre a brevidade da vida**. São Paulo: L&PM, 2006.

TEIXEIRA COELHO Neto, José. **Dicionário de políticas culturais**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

Sites consultados para verificar apoio a projetos e outros:

<http://www.cultura.gov.br>.

<http://www.unesco.org>.